

AS ALTERAÇÕES DE INTEGRAÇÃO SENSORIAL NA AVALIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Luísa de Mattos Graziani Silva
Andréa Perosa Saigh Jurdi
Ana Paula da Silva Pereira

Como citar: SILVA, Luísa de Matos Graziani; JURDI, Andréa Perosa Saigh; PEREIRA, Ana Paula da Silva. As alterações de integração sensorial na avaliação das famílias de crianças com transtorno do espectro autista. *In:* SILVA, Luísa de Matos Graziani; JURDI, Andréa Perosa Saigh; PEREIRA, Ana Paula da Silva. ROCHA, Aila Narene Dahwache; MANTOVANI, Heloisa Briones; MONTEIRO, Rubiana Cunha (org.). **A integração sensorial e o engajamento ocupacional na infância**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 183-202. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-383-0.p183-202>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CAPÍTULO 6

AS ALTERAÇÕES DE INTEGRAÇÃO SENSORIAL NA AVALIAÇÃO DAS FAMÍLIAS DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Luisa de Mattos Graziani Silva

Andréa Perosa Saigh Jurdi

Ana Paula da Silva Pereira

Introdução

Frequentemente indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sua vida atravessada por dificuldades impostas por alterações no processamento de inputs sensoriais. Conviver com os diferentes estímulos expostos diariamente em diversos ambientes tornam tarefas simples, como realizar atividades diárias de pentear cabelos, escovar os dentes; dormir e descansar; participar de diversos ambientes e até o brincar em um momento de grande aflição (MILLER *et al.*, 2015; SCHAFF *et al.*, 2011).

Estudos atuais buscam mapear como o processamento sensorial afeta diretamente o desempenho ocupacional de indivíduos com TEA. Fetta *et al.* (2021) identificaram em seu estudo uma forte relação entre os comportamentos repetitivos e as alterações do processamento sensorial, como manifestação de distúrbios de

modulação sensorial – sensibilidade tátil, hiporresponsividade e busca sensorial intensa.

Neufeld *et al.* (2021) afirmam a redução do funcionamento adaptativo com os comportamentos de busca por sensações, característicos de um processamento sensorial atípico. Especialmente os indivíduos com TEA têm sua participação social diretamente alterada por causa das Disfunções no Processamento Sensorial (DICKIE *et al.*, 2009; SCHAAF *et al.*, 2011).

Yela-González, Santamaría-Vázquez e Ortiz-Huerta (2021) identificaram que o processamento sensorial das crianças com TEA pode estar relacionado à diminuição do desempenho das habilidades funcionais de Atividades Básicas de Vida Diária (ABVD's) e no brincar comparado a crianças neuro típicas; além disso, os problemas de reatividade sensorial foram associados a pior desenvolvimento nessas áreas ocupacionais.

Ainda sobre o impacto nas atividades do cotidiano, Gentil-Gutiérrez *et al.* (2021) observam o contexto escolar e possíveis correlações com o processamento sensorial. Seu estudo apontou que alunos com TEA mostraram alterações significativas em todos os padrões de processamento sensorial em comparação com alunos neurotípicos: em relação aos sistemas sensoriais e comportamentais, os profissionais da educação que trabalharam com crianças com TEA relataram disfunção estatisticamente expressiva neste grupo após avaliação do processamento auditivo, visual, tátil e de movimento.

Como seres relacionais, cada indivíduo busca conexão com outro indivíduo ou coletivo. Cada indivíduo possui razões para atentar-se para o outro e outras razões para afetar-se ou se incomodar

por um outro. Visto que a experiência humana está enraizada nas experiências sensoriais, os relacionamentos são fortemente influenciados pelo efeito das sensações que o outro nos provoca, seja com amigos, colegas de quarto ou de trabalho (DUNN, 2017).

Para indivíduos com TEA pode ocorrer naturalmente uma dificuldade em relação às habilidades sociais e relacionamentos interpessoais, potencializada pela presença de alterações sensoriais. O cheiro, toque, tom de voz, cores das roupas, qualquer um destes fatores pode ser motivo acentuador da fuga do contato de uma pessoa com TEA para com o outro.

Neste capítulo, será considerada a importância da percepção familiar em todo processo avaliativo de crianças com TEA. Serão abordadas Disfunções Sensoriais além da perspectiva teórica da Integração Sensorial de Ayres, mas perpassando sobre o impacto destas na família e no cotidiano familiar da criança com TEA. Na junção de todos os contextos complexos e multifacetados, uma questão deverá ser respondida: existe a possibilidade de excluir o olhar da família em um processo tão profundo e minucioso como a avaliação?

Disfunções sensoriais: do impacto individual ao impacto familiar

A família é o grupo social primário de todas as pessoas, independentemente de sua origem e condição. Desta forma, ela também é o principal grupo social de pessoas com TEA e com outras deficiências de desenvolvimento. A capacidade dessas famílias de criar oportunidades e se adaptar às demandas de educação ao longo das diferentes fases do ciclo de vida da criança está associada à

qualidade das relações da família com seu ambiente, reforçando os sistemas de apoio social, minimizando fatores de estresse e fortalecendo a capacidade de atender diariamente desafios de forma eficaz (LOSADA-PUENTE; BAÑA; ASOREY, 2022).

Schmidt, Dell'Anglio e Bosa (2007) explicam que as famílias de crianças com diagnóstico de autismo encaram o desafio de ajustar planos, expectativas futuras, limitações financeiras e de rotina, adaptação de outros familiares e prestação de necessidades específicas para a criança, acarretando um alto nível de estresse e depressão.

Crianças com TEA apresentam diversas dificuldades em diversas áreas da ocupação impactando atividades como participar de refeições, sentar-se à mesa, apresentar comunicações adequadas e assertivas; descansar e dormir, ser participante no brincar de modo adequado à sua idade (MILLER *et al.*, 2016). A educação da criança passa a ser um grande desafio, entre rotinas, aulas extras, necessidades especiais (YELA-GONZÁLEZ; SANTAMARÍA-VÁZQUEZ; ORTIZ-HUERTA, 2021).

Os fatores intrínsecos das crianças com TEA, como a função sensorial, influenciam o desempenho na realização das ocupações (AOTA, 2020). Os cuidadores e familiares tendem a restringir seu estilo de vida, o que provoca isolamento social, uma vez que necessitam de rotinas rígidas e estruturadas para manter e/ou apoiar o desempenho de ocupações da criança.

Todo este sofrimento causado pelo impacto no cotidiano não passa despercebido aos olhos de irmãos, pais, mães, cuidadores e outros familiares. Porém, a vida de cada sujeito da família é impactada de tal maneira que, muitas vezes, todos passam a

renunciar de atividades antes rotineiras, assim como passam a tentar controlar as variáveis do ambiente a fim de minimizar o estresse da pessoa com TEA e consequentemente da família em geral.

Se já é uma tarefa difícil controlar as variáveis no ambiente doméstico, controlar as variáveis em um ambiente externo é praticamente impossível. Isto porque a necessidade especial de uma dieta sensorial ou da ausência de certos estímulos não pode ser alcançada - nem sempre consegue-se prever e evitar multidões, ruídos e luzes brilhantes – e o excesso de estímulos pode afetar a regulação sensorial do indivíduo (SCHAFF, 2011).

Assim, a família passa a se privar de atividades na comunidade ou em coletivos, se isolando cada vez mais, diminuindo sua rede de apoio e fragilizando seus mecanismos e estratégias de enfrentamento, diminuindo, consideravelmente, o engajamento da criança nas atividades rotineiras no domicílio e no contexto escolar.

Cabe ressaltar que os desafios em lidar com aspectos do comportamento em crianças com TEA tem início muito antes destas alterações terem uma relação clara com as alterações no processamento sensorial. As angústias e dificuldades das famílias, especialmente das mães, começam desde os estágios iniciais do ciclo vital, no momento da busca do diagnóstico. A baixa instrução sobre o diagnóstico e o baixo auxílio de outros familiares também impacta negativamente o processo de aceitação. (FAVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Logo, o processo de enfrentamento e estratégia familiar para lidar com o diagnóstico e possíveis tratamento frequentemente desencadeia mudanças na dinâmica familiar, em especial, na interação da mãe com o(s) filho(s) e/ou companheiro(a). As mães

também podem passar a se dedicar integralmente às crianças com necessidades especiais, acumulando responsabilidades pelo cuidado com a casa, com a família e com o(a) filho(a) com TEA, o que acarreta uma sobrecarga física e emocional (FAVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

O panorama de demandas de cuidados intensivos, dinâmicas estruturadas, baixa rede de apoio, educação especializada, tratamentos expansivos - diante destas peculiaridades do transtorno, a adaptação familiar pode sofrer agravos, levando algumas famílias a passarem por problemas conjugais, percepção de sobrecarga de um dos membros, estresse parental, impacto nos irmãos e dificuldades financeiras e isolamento. Esses podem se caracterizar como fatores de risco para o adoecimento físico e prejuízos na saúde mental da família (FARO *et al.*, 2019).

Durante o processo de avaliações, recebimento e acolhimento do diagnóstico, encaminhamento para serviços especializados, há o entendimento de que adaptações deverão ser feitas. A demanda de cuidado, a rotina muitas vezes exaustiva das terapias, a falta de previsibilidade do futuro, inclusive em relação à resposta de qual nível de funcionalidade o indivíduo com TEA irá alcançar, podem gerar muita angústia e estresse para a família, afetando a qualidade de vida de todos (FAVERO-NUNES; SANTOS, 2010).

Os processos vividos por cada família são únicos e refletem nas necessidades específicas da criança com TEA e seus cuidadores. Avaliar todo o contexto e os locais que esta família ocupa faz-se necessário para o completo entendimento dos hábitos e funcionamento deste núcleo familiar. Porém, será que avaliações

generalistas e não abrangentes são capazes de englobar todas as ocupações, os fatores dos indivíduos da família, suas habilidades de desempenho, seus padrões de desempenho e contextos e ambientes que estes convivem?

A avaliação no TEA – do diagnóstico à avaliação em terapia ocupacional

Há necessidade primária de ponderar sobre as diversas avaliações pelas quais pode passar o indivíduo com TEA. A família é movida muitas vezes por queixas pessoais ou percepções investigatórias, busca avaliações com pediatra, neurologista, psiquiatra, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, psicólogo, fisioterapeuta, e a lista pode seguir. Obviamente, a família irá se deparar com dilemas e olhares de avaliadores diferentes, com vivências, com pressupostos e hipóteses diferentes e até mesmo divergentes para o mesmo indivíduo.

Supondo que uma criança pode passar por uma avaliação médica ou em outra especialidade da área da saúde, há sempre uma primeira fala ou indicativo de alguma hipótese sobre os comportamentos observáveis e/ou as características que levam a criança a se enquadrar em um transtorno do desenvolvimento, com foco no diagnóstico de TEA.

Lembrando que cada indivíduo pode apresentar características diferentes em dias diferentes – no dia da consulta a criança pode estar com sono, irritada, com fome - pode apresentar um comportamento completamente disfuncional perto do que apresenta quando está confortável em seu lar, que é um ambiente

seguro e familiar. Quão injusto ao olhar familiar se o avaliador levar em conta somente o desempenho da criança naquele momento em que seus olhos podem ver e não investigar junto à família (que passa muitas horas da semana com esta criança) como de fato é o comportamento da criança diariamente.

Assim, as informações trazidas pela família têm uma importância crucial no processo de avaliação e suas considerações devem ser incorporadas no processo diagnóstico (MACY; BAGNATO; WEISZHAUPT, 2019). Se não houver escuta especial, olhar atento e considerações quanto às informações trazidas pelos familiares e cuidadores; as avaliações pertinentes ao desenvolvimento neuropsicomotor e até mesmo o diagnóstico da criança com TEA estarão inadequadas, incompletas e insuficientes.

Então, desde as primeiras consultas, às informações trazidas pela família têm uma importância crucial para a construção do diagnóstico. Este deve ser realizado de maneira clínica, por meio da observação dos comportamentos da criança, de entrevista com os pais e/ou cuidadores, do levantamento de informações acerca da história pregressa do indivíduo e do uso de instrumentos válidos.

Segundo Marques e Bosa (2015), o diagnóstico dos casos suspeitos de TEA pode ser realizado tanto com base na observação comportamental dos critérios dos sistemas de classificação quanto por meio do uso de instrumentos validados e fidedignos, que permitem ao profissional traçar um perfil refinado das características de desenvolvimento da criança. Na literatura internacional, figuram dois instrumentos considerados “padrão-ouro” para o diagnóstico: a Autism Diagnostic Interview-Revised (ADI-R) (LORD; RUTTER; LE COUTEUR, 1994) e o Autism Diagnostic Observation

Schedule-Generic (ADOS) (LORD; RUTTER; DILAVORE; RISI, 1999).

Sobre instrumentos de triagem e diagnósticos, tem-se no país alguns instrumentos adaptados e parcialmente validados: a Autistic Traits of Evaluation Scale (ATA) (BALLABRIGA; ESCUDÉ; LLABERIA, 1994), por Assumpção Jr, Kuczynski, Gabriel e Rocca (1999); a Autism Behavior Checklist (ABC) (KRUG; ARICK; ALMOND, 1993), por Marteleto e Pedremônico (2005); a Childhood Autism Rating Scale (CARS) (SCHOPLER; REICHLER; RENNER, 1988), por Pereira, Riesgo e Wagner (2008); e o Autism Screening Questionnaire (ASQ) (BERUMENT; RUTTER; LORD; PICKLES; BAILEY, 1999), por Sato *et al.* (2009). Além destes, foi realizada a tradução do instrumento Modified Checklist for Autism in Toddlers (M-CHAT) (ROBINS; FEIN; BARTON; GREEN, 2001) para o português brasileiro, por Losapio e Pondé (2008) e, posteriormente, parcialmente validada por Castro-Souza (2011), (MARQUES; BOSA, 2015).

Destas avaliações, 90% das respostas são ofertadas pelos familiares e cuidadores. Observa-se então que a mãe, o pai, o cuidador primário da criança têm um papel ativo no processo avaliativo. Questionamentos e perguntas que muitas vezes são dificultosas em sua elaboração e compreensão quanto à gravidez, trabalho de parto, primeiros meses e anos de vida da criança, histórico de doenças, medicamentos utilizados, exames clínicos já realizados e avaliações de outros técnicos (fonoaudiólogo, psicólogo, educador, professor). As informações tomam forma e desenham quadros multifacetados e complexos.

Barros (2019) ressalta que o processo de avaliação de Terapia Ocupacional, deve considerar os fatores do cliente, que englobam valores, crenças e espiritualidade; funções do corpo e estruturas do corpo (AOTA, 2014). Ainda, segundo a Associação Americana de Terapia Ocupacional (AOTA), um dos domínios que precisa ser avaliado pelo profissional de Terapia Ocupacional é o engajamento da pessoa em ocupação, considerando os aspectos subjetivos e objetivos que influenciam em sua experiência. Em relação às crianças com TEA, o engajamento em atividades cotidianas pode ser afetado pelas alterações do processamento sensorial que, segundo a literatura, cerca de 90% das crianças são afetadas por essas alterações (TOMCHEK; DUNN, 2007; CHANG *et al.*, 2014).

Para uma avaliação de qualidade do processamento sensorial da criança, os pais devem transmitir as informações e históricos de comportamentos que ajudem o terapeuta a identificar quais os ambientes a avaliar e que instrumentos deve utilizar (SERRANO, 2016).

Caminha e Lampreia (2013) pontuam que a maioria das pesquisas que se propõe investigar problemas sensoriais no autismo, utiliza instrumentos em forma de questionários para pais e cuidadores. Os instrumentos mais utilizados são o Sensory Profile (Perfil Sensorial – DUNN; WESTMAN, 1995) e suas variações que incluem o Short Sensory Profile (Perfil Sensorial Reduzido - DUNN, 1999) e o Infant/Toddler Sensory Profile (DUNN, 1999) (BEN-SASSON *et al.*, 2009). Outros instrumentos, como o Sensory Sensitivity Questionnaire-Revised (Questionário de Sensibilidade Sensorial Revisado – TALAYONGAN; WOOD, 2000), o Sensory Experiences Questionnaire (Questionário de Experiências Sensoriais

- BARANEK; DAVID; POE; STONE; WATSON, 2006) e o Evaluation of Sensory Processing (Avaliação do Processamento Sensorial - JOHNSON-ECKER; PARHAM, 2000) também são utilizados, porém com menor frequência.

Alguns sinais e sintomas de Transtornos do Desenvolvimento podem ser notados antes dos 36 meses de idade. Isso torna possível uma identificação precoce das características do autismo oportunizando assim, intervenções também precoces (SEIZE; BORSA, 2017).

A família deve ter um papel ativo durante todo o processo de avaliação

A premissa da intervenção precoce é uma abordagem centrada na família. Esta abordagem preconiza a participação ativa das famílias, a valorização dos contextos de vida da criança e o tratamento transdisciplinar. Esta abordagem parte também do princípio de que cada família tem as suas competências, que surgem das capacidades, dos talentos, das possibilidades, dos valores e das suas expectativas.

Logo, torna-se imprescindível para um profissional que queira trabalhar na intervenção precoce facilitar a disponibilidade de meios através dos quais essas competências familiares possam ser reconhecidas e utilizadas (SERRANO; PEREIRA, 2011). Para este profissional, a avaliação torna-se um ponto chave para a intervenção precoce de qualidade, tornando a família o elemento chave para todo o processo avaliativo e posteriormente, o processo de intervenção.

A Division for Early Childhood (DEC) (2014), ressalta que a avaliação normalmente é um aspecto crítico nos serviços que atendem as crianças com deficiência ou atrasos de desenvolvimento, estabelecendo como objetivos o rastreio e a elegibilidade para o serviço, assim como, o planejamento de intervenções, o acompanhamento dos objetivos alcançados.

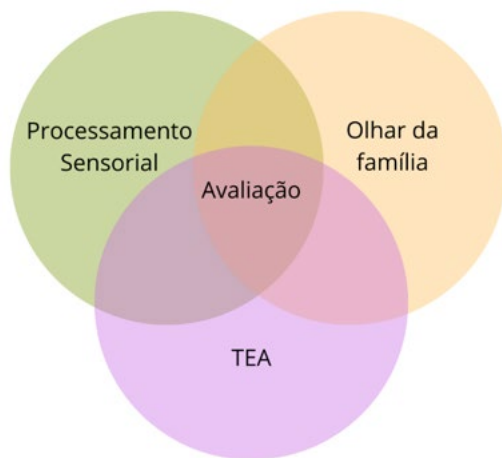
No entanto, nem sempre há algo sistematizado ou um instrumento passível de ser utilizado pelos profissionais, educadores, cuidadores e familiares das crianças. No caso de crianças com TEA a situação torna-se mais complexa, tal como referem Reis, Pereira e Almeida (2016). Para os autores, a avaliação de transtornos caracterizados por padrões de comportamento e de desenvolvimento atípicos, como o TEA, impele o avaliador a providenciar uma descrição cuidadosa do perfil sintomático, a observação, a aplicação de checklists e de instrumentos conjuntamente com a família.

Tal complexidade se dá pelo fato destas crianças apresentarem dificuldades sociais, de comunicação e de comportamento. Nesse sentido, a família torna-se um elemento importante, seja para a obtenção de informações fidedignas da criança, seja para obtenção de melhores níveis de interação entre a criança e os interlocutores (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016).

Marques e Bosa (2015) relatam também sobre as dificuldades para sua utilização de instrumentos internacionais nesta área, tais como: necessidade de treinamento de alto custo (caso dos instrumentos considerados “padrão-ouro”), categorias com amplas definições e predominantemente dicotômicas (comportamento/habilidade está ou não presente) e informação dependente dos cuidadores.

Este último aspecto representa uma limitação cultural brasileira, devido principalmente à baixa escolaridade dos pais e mães que oferecem as informações para as avaliações. Por isso, é necessário que estas fontes de informação sejam combinadas às observações diretas da criança.

Neste sentido, as avaliações realizadas nos contextos de vida da criança, tais como a casa, a escola, são chamadas por Bagnato (2008) como avaliações autênticas, e, por isso, as competências da criança, o conhecimento e comportamento são possíveis de serem avaliados em sua exibição funcional de tarefas significativas no contexto real e familiar.



Avaliação autêntica: avaliação realizada nos contextos de vida da criança

Somada à importância de se realizar avaliações nos contextos de vida da criança, Reis, Pereira e Almeida (2016) reforçam o fato de que crianças com TEA desde muito cedo estão sujeitas a avaliações sistemáticas. No entanto, a complexidade do processo de

avaliação devido às dificuldades sociais, de comunicação e comportamento, reforça a necessidade de permitir que a família seja o elemento tradutor, investigador, e perscrutador dos comportamentos da criança e transforme suas informações em dados fidedignos do desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, se faz necessário aprofundar formas e instrumentos de avaliação ajustados à diversidade das famílias das crianças com TEA brasileiras, que contemplem a participação ativa e interativa dos profissionais e das famílias de forma a obter uma visão ampliada e compartilhada sobre a criança.

A complexidade subjacente às concepções e às práticas de avaliação em IP e a necessidade de aprofundar formas e instrumentos de avaliação ajustados à diversidade das famílias apoiadas na intervenção precoce contemplam a participação ativa e interativa dos profissionais com/por/entre as famílias, de forma a tornar possível o desenvolvimento de partilhar a visão, permitir a identificação e a coleta de informações sobre as reais necessidades, as prioridades, e os recursos da família.

A finalidade de todo este processo é proporcionar à família a possibilidade de fazer escolhas e tomar decisões, que sejam orientadas para a qualidade dos serviços e dos apoios prestados (SERRANO; PEREIRA, 2011).

Pereira, Jurdi e Reis (2020) ressaltam que o movimento atual de profissionais atuantes que englobam familiares neste processo é capaz de promover mudanças importantes na avaliação das crianças na intervenção precoce, sendo que essas mudanças resultam das evidências internacionais que apoiam as melhores práticas no processo de avaliação, dentre elas o trabalho em equipe, a abordagem

centrada na família e a valorização dos contextos de vida da criança e da família.

Na convergência de todos os contextos complexos e multifacetados da família de criança em seus múltiplos contextos, do profissional sensível a uma avaliação centrada na família e as dificuldades sensoriais vividas e sentidas por todos os envolvidos no desenvolvimento infantil.

A família, ao partilhar a clara compreensão, os interesses e capacidades da sua criança com TEA, pode ajudar os profissionais na tomada de decisão sobre o tipo de avaliação mais apropriada e sobre o plano de intervenção a desenvolver, apoiando e colaborando em todo o processo de avaliação - intervenção da criança (REIS, 2013).

A criança reflete as características e necessidades de sua família. Assim, a família deve ser olhada como uma fonte rica em informações a ser explorada, e uma potente parceira para se alcançar o efetivo sucesso da avaliação, da intervenção e da evolução observada no desenvolvimento da criança (ESPE-SHERWINDT, 2019).

Considerações Finais

Para as crianças com TEA as alterações no processamento sensorial podem causar dificuldades no engajamento nas ocupações infantis e dificultar as interações sociais. As dificuldades se manifestam em diversas áreas da ocupação que podem impactar atividades como participar de refeições, sentar-se à mesa, apresentar

comunicações adequadas e assertivas, descansar e dormir, participar ativamente no brincar.

A família, ao partilhar a clara compreensão, os interesses e capacidades da sua criança com TEA, pode ajudar os profissionais na tomada de decisão e na validação sobre o tipo de avaliação mais apropriada e sobre os objetivos mais adequados para integrar no plano de intervenção a desenvolver, apoiando e colaborando em todo o processo de avaliação - intervenção da criança.

Referências

BAGNATO, Stephen J. **Authentic assessment for early childhood intervention: Best practices**. New York: Guilford Press, 2008.

BARROS, Vanessa de Melo. **Processamento Sensorial e Engajamento de Crianças nas Rotinas da Educação Infantil na Perspectiva dos Professores** (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), 2019.

CAMINHA, Roberta Costa; LAMPREIA, Carolina. **Autismo: um transtorno de natureza sensorial?.2008**. (Dissertação Mestrado) Programa de Pós - Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

CHANG, Yi-Shin *et al.* Autism and Sensory Processing Disorders: Shared White Matter Disruption in Sensory Pathways but Divergent Connectivity in Social-Emotional Pathways. **PLoS ONE**, v.9, n.7, 2014.

SCHMIDT, Carlo; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BOSA, Cleonice Alves. Estratégias de coping de mães de portadores de autismo: lidando com dificuldades e com a emoção. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 124- 131, 2007.

DICKIE, Virginia *et al.* Parent reports of sensory experiences of preschool children with and without autism: A qualitative study. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 63, n 2, p. 172–181, 2009.

DUNN, Winnie. **Vivendo sensorialmente: Entendendo seus sentidos**. São Paulo: Pearson, 2017.

ESPE-SHERWINDT, Marilyn. De la investigación a la práctica: trabajando con familias en “el mundo real” de la intervención en atención temprana. In: **Prácticas de atención temprana centradas en la familia y en Entornos Naturales**. p. 73-92. Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2019.

FETTA, Anna *et al.* Relationship between Sensory Alterations and Repetitive Behaviours in Children with Autism Spectrum Disorders: A Parents' Questionnaire Based Study. **Brain Sci.**, v. 11, n.484, 2021.

GOMES, Maria Dulce; TEIXEIRA, Liliana da Conceição; RIBEIRO, Jaime Moreira. Enquadramento da Prática da Terapia Ocupacional: Domínio & Processo. 4ª ed. Portugal: **Politécnico de Leiria**, 2021.

GENTIL-GUTIÉRREZ, Ana *et al.* Implication of the sensory environment in children with autism spectrum disorder: Perspectives from school. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 18, n.14, 2021.

MACY, Marisa, BAGNATO, Stephen J., WEISZHAUPT, Krisztina. Family-Friendly Communication via Authentic Assessment for Early Childhood Intervention Programs. **ZERO TO THREE**, p. 45-51. 2019.

MARQUES, Daniela Fernandes; BOSA, Cleonice Alves. Protocolo de Avaliação de Crianças com Autismo: Evidências de Validade de Critério. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v.31, n.1, 2015.

NEUFELD, Janina *et al.* The impact of atypical sensory processing on adaptive functioning within and beyond autism: The role of familial factors. **Autism**, v. 25, n.8, p. 2341, 2021.

PEREIRA, Ana Paula da Silva; JURDI, Andréa Perosa Saigh; REIS, Helena Isabel Silva. A complementaridade de pais e de profissionais na avaliação em Intervenção Precoce. **Educação**, v. 43, n. 1, p. 1-10, 2020.

REIS, Helena Isabel Silva Reis; PEREIRA, Ana Paula da Silva; ALMEIDA, Leandro da Silva. Construção e validação de um instrumento de avaliação do perfil desenvolvimental de crianças com Perturbação do Espectro do Autismo. **Rev. bras. educ. espec.**, v.19, n.2, p. 183-194, 2013.

SCHAAF, Roseann C. *et al.* The everyday routines of families of children with autism examining the impact of sensory processing difficulties on the family. **Autism**, v. 15, n.3, p.373–38, 2011.

SERRANO, Ana Maria; PEREIRA, Ana Paula da Silva. Parâmetros recomendados para a qualidade da avaliação em intervenção precoce. **Rev. Educ. Espec.**, v. 24, n. 40, p. 163-180, 2011.

SCHMIDT, Carlo; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BOSA, Cleonice Alves. Estratégias de Coping de Mães de Portadores de Autismo: Lidando com Dificuldades e com a Emoção. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.20, n.1, p. 124-131, 2007.

SEIZE, Mariana de Miranda; BORSA, Juliane Callegaro. Instrumentos para Rastreamento de Sinais Precoces do Autismo: Revisão Sistemática. **Psico-USF**, Bragança Paulista, v. 22, n. 1, p. 161-176, 2017.

TOMCHECK, Scott D.; DUNN, Winnie. Sensory processing in children with and without autism: A comparative study using the short sensory profile. **American Journal of Occupational Therapy**, v. 61, n. 2, p. 190–200, 2007.

YELA-GONZÁLEZ, Nuria; SANTAMARÍA-VÁZQUEZ, Montserrat; ORTIZ-HUERTA, Juan Hilario. Activities of daily living, playfulness and sensory processing in children with autism spectrum disorder: A spanish study. **Children**, v. 8, n.2, 2021.

